Estudos de
masculinidades:
a crise masculina,
a masculinidade
hegemônica e
a paternidade em
*Onde estão os
ovos?*, de Fabrício
Carpinejar

Bruna Farias Machado¹

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
E-mail: brunafmach@gmail.com

The masculinities
studies: the male
crisis, the hegemonic
masculinity and the
fatherhood in *Onde
estão os ovos?* by
Fabrício
Carpinejar

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v7n11.2016.64777>

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo analisar, sob o viés da masculinidade em suas diversas nuances, a crônica *Onde estão os ovos?* (2016), de Fabrício Carpinejar. Para fundamentar a análise, serão utilizados aportes teóricos que elucidam a representação estereotipada acerca da maternidade e paternidade (PRIORE, 2013), bem como a representação da “crise masculina” e da masculinidade hegemônica reforçadas na crônica, numa tentativa de desconstruir esses conceitos ainda presentes na atualidade, evidenciando, assim, a importância desses estudos para desconstruir o machismo institucionalizado que se expressa cotidianamente em nossa sociedade, mascarados, por vezes, como tentativa de humor.

Palavras-chave: Masculinidades, Crônica, Paternidade, Maternidade.

Abstract:

This paper aims to analyze, through the perspective of different masculinity nuances, Fabrício Carpinejar’s chronicle *Onde estão os ovos?* (2016). This analysis is grounded in theoretical supports that clarify the stereotypical representation of motherhood and fatherhood (PRIORE, 2013), as well as the representation of “male crisis” and of hegemonic masculinity reinforced in the chronicle, in an attempt to deconstruct these concepts which are still present nowadays, making thus evident the importance of these studies to deconstruct the institutionalized sexism that expresses itself daily in our society, sometimes masked as an attempt at humor.

Keywords: Masculinities, Chronicle, Fatherhood, Motherhood.

Iniciando a trajetória: o feminismo e os estudos de masculinidades

Até meados do século XX, a masculinidade tradicional naturalizada pela sociedade baseou-se em modelos de virilidade que, fundamentalmente, tinham como pressupostos a força física, a potência sexual e o (auto) controle, imiscuindo-se em episódios de violência simbólica e não simbólica que garantiam o domínio masculino na sociedade (LEHNEN, 2015). A partir do feminismo, houve uma verdadeira desestabilização do modelo masculino até então constituído, uma vez que o movimento revelou que a dominação masculina afeta a sociedade de uma maneira bem mais abrangente do que inicialmente se supunha, atingindo até mesmo a linguagem utilizada na sociedade.

Um dos nomes mais influentes do feminismo moderno, Simone de Beauvoir (1967, p. 9) deparou-se com a dominação do patriarcado e assumiu a tarefa de tentar elaborar uma definição para o que é ser mulher, como é perceptível no trecho que segue:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

A definição anteriormente citada é, para dizer o mínimo, curiosa, visto que se infere que não há necessidade de definir o homem, posto que os discursos que permeiam a sociedade já são preparados para ele, fato este confirmado, por exemplo, quando há em um grupo de pessoas hipotético várias mulheres e apenas um homem: ao utilizarmos o pronome pessoal, utilizamos, via de regra, o pronome “eles” porque há um homem presente. Basta apenas um homem para o gênero pessoal mudar, o que não ocorre se a situação for inversa. Assim, tendo em vista a normatização da língua portuguesa, basta apenas um homem para fazer com que um grupo de mulheres passe a chamar-se de “eles”, deixando claro, portanto, que a dominação masculina está imiscuída na linguagem.

A filósofa articula, ainda, uma inscrição da mulher como o Outro do homem, sendo definida, em linhas gerais, pela sua alteridade, sendo verdadeira devido ao reconhecimento da hegemonia masculina intrínseca no discurso, como elucidado no exemplo anteriormente dado. Assim, tendo em vista que o discurso é masculino, é mister que a mulher lute e assegure seu próprio espaço. A fim de explicar o caráter de alteridade, a filósofa alinha as mulheres com os demais grupos subalternos, comparando suas histórias, tais como negros e judeus, inflamando, posteriormente, os movimentos de lutas sociais que ocorreram nas décadas finais do século XX.

Haja vista que a ordem natural e o simbólico sofrem uma reavaliação devido ao sexo e gênero, a sexualidade, por sua vez, problematiza a discussão, dado que se insere no terreno do desejo, em que ambas as ordens estão inseridas, articulando-se. Então, assim como a definição de masculinidades foi possível devido ao movimento feminista – que reivindicou seu lugar e, assim, deixou evidente a própria indefinição do homem – a

heterossexualidade necessitou do homossexualidade para poder se tornar visível, visto que advinda da psicanálise, esta última foi nomeada em 1869, sendo a heterossexualidade nomeada posteriormente, em 1886. Dado o exposto, o homossexual veio cumprir seu papel no patriarcado, que é, em linhas gerais, ser o Outro do heterossexual (PENTEADO; GATTI, 2011).

Posteriormente, em 1983, o cantor Pepeu Gomes compôs uma música que atingiu enorme sucesso. A canção “Masculino e Feminino” defendia a liberdade dos homens de agirem sem a preocupação de se encaixarem em estereótipos preestabelecidos, uma vez que ser um homem feminino não fere (ou não deveria ferir) o seu lado masculino¹. Academicamente, tendo em vista esses questionamentos que visam mudar parâmetros sócio históricos e culturais arraigados na sociedade, a teorização aprofundou-se, tendo em seu campo teórico diversas construções de masculinidades que são constantemente (re) definidas. Desse modo, não é possível definir de maneira categórica o estudo que aborda masculinidades, pois este não forma um bloco monolítico. Assim, utilizando as considerações feitas por Medrado & Lira (2008, p. 825) há a possibilidade de serem encontrados diversos tipos de análises com abordagens teórico-metodológicas que, por vezes, convergem entre si, uma vez que

Investigar sobre masculinidades significa não apenas apreender e analisar os signos e significados culturais disponíveis sobre o masculino, mas também discutir preconceitos e estereótipos e repensar a possibilidade de construir outras versões e sentidos.

Assim, haja vista o número crescente, mas ainda limitado de produções acadêmicas sob essa temática, o presente artigo tem como *corpus* uma crônica contemporânea que possibilita problematizar as ambiguidades dos conceitos da temática em questão, numa tentativa, ainda que simplória, de fomentar o debate futuro a partir das divergências teóricas advindas dos pressupostos teóricos, uma vez que estes ainda estão sendo estabelecidos.

A ruptura dos padrões comportamentais: a crise masculina e a masculinidade hegemônica

Haja vista a ascendência da discussão acerca das mudanças nos papéis masculinos e femininos na sociedade contemporânea, alguns teóricos afirmam que estamos vivendo uma “crise masculina”. Esta, que pode ser entendida como uma herança dos movimentos feministas, uma vez que possibilitaram novos olhares e questionamentos sobre questões de gênero, pode ser entendida, à luz do trabalho de Nolasco (1997, p. 16-17) como

¹ Trecho da música adaptado.

[...] uma tentativa, uma possibilidade para os homens diferenciarem-se do padrão de masculinidade socialmente estabelecido para eles. Essa crise representa a quebra do cinismo a respeito da existência de um homem de verdade em torno do qual todo menino é socializado.

É possível afirmar que há uma grande dificuldade em quebrar essa regra silenciosa de padrões comportamentais, visto que expressões de masculinidade impõem regras tão intrínsecas na sociedade que não são percebidas e, por consequência, são repetidas. Estas envolvem, por exemplo, os nossos ambientes sociais e políticos, visto que, em nossa sociedade, estamos diante de uma exigência de coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática (BUTLER, 2003).

Dado o exposto, a não visibilidade corrobora com a indefinição do que é masculinidade, ainda que esta seja onipresente. Essas normas, estabelecidas e seguidas de maneira quase automática, são repassadas por meios (nem tão) sutis, como, por exemplo, por intermédio da cultura, que podem ser vistos em programas de televisão, filmes de sucesso, meios de comunicação, anúncios de produtos para fins de consumo, visto que as ações feitas nesses meios tendem a ser vistas como padrões comportamentais ideais (PAECHTER, 2009). De maneira similar, as interações sociais, políticas e econômicas servem como doutrinadores comportamentais, posto que instituem e naturalizam códigos de conduta que “informam” quais são as ações que meninos devem ter e quais ações meninas devem ter, por exemplo. Esses padrões podem ser vistos, para fins de exemplificação, em lojas de brinquedos, que, geralmente, separam os setores de brinquedos em alas destinadas às meninas, onde há, primordialmente, bonecas, produtos da cor rosa, fogõezinhos de brinquedo, etc., e, na ala destinada aos meninos, produtos como carrinhos de corrida, skates, brinquedos de super heróis, além de ter produtos em sua maioria com cor escura ou até mesmo azul (quando é destinado às crianças menores). Um outro exemplo da tentativa de padronização pode ser vista em redes de *fast foods*, sendo a mais famosa o Mc Donald’s, onde os brindes são separados por sexo, sendo o da menina, em sua maioria, uma boneca ou, quando não é, algum produto da cor rosa e, no caso dos meninos, bonecos de lutas, com cores fortes, sendo a azul a preferencial. Dessa forma, é possível afirmar, tendo como base os estudos de Paechter (2009, p. 24) que “a masculinidade ou a feminilidade de uma pessoa não é inata nem natural, mas algo que é aprendido, que é constantemente retrabalhado e reconfigurado, além de encenado para o *self* e para os outros”.

Assim, fica evidente que são dentro desses espaços discursivos que a dominação masculina é relevada, pois são espaços discursivos em que o poder da masculinidade e, principalmente, da sociedade patriarcal, são invocados. Dessa forma, é através desses processos decodificadores (ou seriam doutrinadores?) que a masculinidade mantém o seu poder social e, concomitantemente, permanece escondida (LEHNEN, 2015).

Essa ruptura de padrões comportamentais impostos (in)diretamente pela sociedade, contudo, apresenta avanços lentos. Ainda hoje, como é possível atestar em Ramos (2000: 46), expressões como “o macho e a bicha, o bem-sucedido e o fracassado, o ativo e o passivo, entre outros, [são] polaridades que servem para demarcar o que é ‘norma’ e o que

é ‘desvio’ em termos de masculinidade”. Dessa forma, é visível que o sentimento de identidade masculina está intimamente ligado ao de identidade sexual (NOLASCO, 1998). A (re)afirmação da identidade masculina é feita através de relacionamentos sexuais recorrentes, bem como da negação da homossexualidade, fato comprovado em pesquisas², uma vez que, como é perceptível nos estudos de Badinter (1995, p. 117) sob esse prisma:

Ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser feminino na aparência física e nos gestos; não ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres.

A “crise” masculina pode ser entendida, então, como a ruptura de padrões comportamentais preestabelecidos como pertencentes ao “modelo masculino”. O fato de questionarmos esses valores demonstra que ainda hoje vivemos um processo de mudança, ainda que, como afirma Ramos (2000, p. 56):

Seria ingênuo pensar que as mentalidades mudaram radicalmente, pois isso leva tempo e, como se pode atestar, apesar das profundas transformações ocorridas nas últimas décadas no que diz respeito à relação entre os sexos, os simbolismos ou representações de gênero (em especial do masculino) ainda não sofreram grandes mudanças.

É mister, todavia, atentar para o fato de que muito embora a crise de identidade masculina seja uma realidade, ela não está associada ao surgimento de um modelo específico de “novo homem”, pois, como elucida Trevisan (1997, p. 87):

A revelação homossexual cumpre uma importante tarefa no cenário da crise: acirra as contradições no sentido de tirar a máscara do masculino imposto, apontando para um masculino temperado por nuances nas quais cabem o frágil e o sensível, aí incluída aquela tão execrada passividade que também compõe o macho – simplesmente porque faz parte do humano e não apenas do gênero feminino. O que pode parecer um paradoxo, do ponto de vista patriarcal, é uma aquisição importante, sem a qual não se chegará ao coração do masculino – justamente porque ele é feito de paradoxos, ao contrário do que deixa transparecer o protótipo do macho consagrado. A visibilidade homossexual pretende ser apenas uma faceta no resgate de uma parte reprimida do masculino, nem por isso menos verdadeira.

Assim, é correto afirmar que limitar as mudanças que estão ocorrendo a um modelo específico seria unificar seres que anseiam por multiplicidade. Dada a flexibilização da vida

² Como exemplos de pesquisas realizadas, a “Seção Nova pergunta, eles respondem” da Revista Nova de setembro de 1999 e matérias da Folha de S. Paulo, mais especificamente do caderno *Mais!*, de 18 de janeiro de 1998. Apesar das pesquisas em questão não serem atuais, os resultados ainda refletem a realidade social em que vivemos. Essa afirmação é comprovada, entre muitas outras razões, pelo número alarmante de casos de homofobia ao redor do mundo.

social contemporânea, as identidades sociais se tornaram mais flexíveis e plurais, não cabendo nenhuma classificação que limite o que, aos poucos, está se expandindo, visto que é perceptível, ao longo dos anos, a presença de uma masculinidade dita hegemônica que, por sua vez, tem sua hegemonia ditada pela comunidade em que o indivíduo está inserido, uma vez que esta não significava violência, ainda que possa ser sustentada pela força. Isso significa dizer, de forma resumida, que a ascendência pode ser alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Por conseguinte, esse é um modelo cultural dito “ideal” que influencia homens e mulheres, à medida em que, como explica Paechter (2009, p. 23), “a masculinidade não é simplesmente ‘o que os homens fazem’, é mais um tipo ideal que inscreve o que se espera que os homens típicos pensem e façam”. Em sua formulação, a masculinidade hegemônica se diferenciou de outros modelos, em especial das masculinidades subordinadas, como podemos evidenciar nos estudos de Connell & Messerschmidt (2013, p. 245) no trecho que segue:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens.

Contemporaneamente, o conceito é alvo de críticas de diversos teóricos justamente por não ter um caráter fixo e apresentar um posicionamento passível de contestação, fazendo com que algumas tentativas de conceituação sejam falhas justamente por tentarem analisar estudos que possuem padrões múltiplos por uma matriz unívoca. Assim, como foi elucidado por Connell & Messerschmidt (2013, p. 262) em seus estudos acerca de masculinidades hegemônicas e não hegemônicas, é possível inferir que

Padrões múltiplos de masculinidade têm sido identificados em muitos estudos, em uma variedade de países e em diferentes contextos institucionais e culturais. Também é resultado de pesquisa bastante difundido o fato de que certas masculinidades são socialmente mais centrais ou mais associadas com autoridade e poder social do que outras. O conceito de masculinidade hegemônica presume a subordinação de masculinidades não hegemônicas, e esse é um processo que agora tem sido documentado em muitos contextos, em nível internacional.

Assim, categorizar o homem hegemônico é uma tarefa, no mínimo, confusa, pois delimitar quais padrões são, de fato, dominantes é muito transitório. Padrões do que é socialmente visto como aceitável ou não aceitável, bonito ou feio mudam constantemente, haja vista, por exemplo, a utilização de barbas de diversos tamanhos, estilo adotado por cada vez mais homens na sociedade contemporânea, prática impensável em décadas anteriores,

onde o que era socialmente aceito era barba bem-feita, sendo aceito, de maneira bem cuidada, um fino bigode. Outro exemplo contemporâneo que serve de modelo para elucidar a dificuldade de categorização do homem hegemônico pode ser dado utilizando como protótipo Chris Hemsworth (ator famoso por interpretar Thor, personagem de HQ, nos cinemas), representando o modelo ideal como sendo o do homem musculoso, bem vestido e educado, e Marilyn Manson (nome artístico de Brian Hugh Warner), músico americano que adota um visual fora dos padrões sociais e apresenta uma personalidade caracterizada por muitos como escandalosa. Tendo em vista que muito embora ambos sejam figuras públicas famosas que influenciam uma parcela da população, não é possível afirmar que um deles, ou os dois, seja(m) modelo(s) de masculinidade hegemônica, pois os padrões, ainda que influenciem uma parcela da população de forma positiva ou negativa, são voláteis e difíceis de se delimitar.

Desse modo, indo ao encontro das críticas que apontam para ambiguidades do conceito, saliento que a masculinidade hegemônica não deve ser necessariamente vinculada a características negativas, tendo em vista a multiplicidade de culturas que podem influenciar o indivíduo, fazendo com que características hegemônicas em determinado local possam ser positivas. Dada as suas numerosas configurações, devemos lembrar que a violência e as demais práticas nocivas não são características definidoras e a tentativa de definição, então, é válida no sentido de combater as hegemonias que não dão espaço para as inúmeras outras masculinidades, que ocupam um espaço subalterno.

A questão da paternidade (e maternidade) na crônica de Carpinejar

Até o século XIX, os pais ocupavam uma posição autoritária no âmbito familiar, amparadas pelos princípios das autoridades religiosas e civis. O afeto era visto como algo feminino, cabendo ao pai ser a figura repressora. Ao longo desse mesmo século, a história dos progenitores sofreu mudanças sociais, econômicas e afetivas. Graças às pesquisas de historiadores, hoje sabe-se que D. Pedro I, por exemplo, escrevia afetuosas cartas aos seus filhos, demonstrando sentimentos que anos antes eram tidos como exclusivamente femininos já em tempos em que estes eram vistos com desconfiança e preconceito, sendo veementemente repreendidos (não por acaso esse dado tornou-se público muitos anos após o ocorrido, resultado de pesquisas exaustivas de historiadores e, ainda hoje, a informação não foi completamente difundida) (PRIORE, 2013). Com o passar dos anos, os homens foram adquirindo maior liberdade para expressarem-se emocionalmente, ainda que o processo seja lento, dado o machismo intrínseco em nossa sociedade, que condena demonstrações de afetos masculinos. Estas últimas são vistas, felizmente de maneira menos frequente, se comparada a tempos pretéritos, como traços femininos e, portanto, que diminuem o caráter “macho” dos homens, denotando, como visto anteriormente, em uma “crise masculina”.

Atualmente, influenciada pela independência cada vez maior da mulher, a relação paternal tem se modificado positivamente. Atualmente, a prevalência do afeto encontra

respaldo no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sendo incentivado que os pais sejam afetuosos com seus filhos. Assim, como afirma Goldenberg (2000, p. 18) em seus estudos acerca do tema, é possível afirmar que

Um direito que era negado ao homem, o de ser afetuoso e acompanhar o crescimento dos filhos (mesmo direito que era negado aos seus filhos, obrigados a verem no pai uma figura violenta ou ausente), agora não só é permitido como estimulado.

De “patriarcal”, a família tornou-se conjugal. Os pais não mais têm direitos sob os filhos, mas sim deveres. Cada vez mais as famílias reorganizam-se, buscando igualar as funções anteriormente exclusivamente paternas, uma vez que tais são extremamente heterogêneas, pois, como afirma Mary Del Priore (2013, p. 184):

E ainda nos perguntamos: O que é um pai? Questão ainda em aberto, que vem sendo respondida pela sociedade pela evolução do direito. Para se desenvolver, a paternidade necessita de toda uma elaboração psíquica. Ora, existe em vários momentos históricos e em diferentes sociedades uma pluralidade de pais e também de genitores. Em nenhuma delas, o papel do pai é natural. Cada sistema social marca por um nome e um rito o espaço dos seus. Esse lugar significa a culturalidade da função paterna. Culturalidade que se vai construindo ao longo do tempo, feita de rupturas e permanências, de valores novos e outros tradicionais.

Anacronicamente, a crônica *Onde estão os ovos?* (2016), do escritor Fabricio Carpinejar, lançada em seu *blog* e na sua coluna da *Zero Hora*³ e reproduzida também em suas redes sociais, reforça a ideia estereotipada de que homens não têm quaisquer instintos paternos e que esses instintos são sempre presentes nas mulheres, até mesmo numa ida ao supermercado. O citado escritor também é professor, jornalista e atualmente atua como apresentador da TV Gazeta e da TVCOM e colunista do jornal *Zero Hora* e das revistas *IstoÉ Gente* e *Pais&Filhos*, e é comentarista da Rádio Gaúcha. Caracterizado por Luis Fernando Verissimo como portador de uma verdadeira “usina de lirismo”, chama atenção de seus leitores pela prosa, por vezes, confessional e absolutamente desconcertante – a crônica citada anteriormente ratifica essa última afirmação.

O início desta reforça a ideia de que nenhum homem se preocupa, de fato, com o destino da caixa de ovos quando vai fazer compras no supermercado, afirmando, indiretamente, que todos os homens (e essa generalização é extremamente perigosa e danosa) não se preocupam com tal ação. Posteriormente, o cronista afirma que as mulheres, sim, têm tais aptidões, reforçando que elas (e aqui há uma segunda generalização) preocupam-se com demasia com a caixa dos ovos e que esse cuidado é passado de geração em geração. Essa última afirmação, cabe ressaltar, é feita apenas elencando as descendentes das mulheres. O “legado do zelo aos ovos” é passado de mãe para filha, em linhas gerais,

³ As citações feitas podem ser acessadas através dos seguintes links: <http://carpinejar.blogspot.com.br/> e <http://revistadonna.clicrbs.com.br/coluna/carpinejar-onde-estao-os-ovos/>, respectivamente.

segundo o mesmo cronista. Posteriormente, Fabrício Carpinejar (2016) vai enfatizar que um “alarme biológico” é ativado nas mulheres, fazendo com que elas se aflijam e cuidem das caixas de ovos como se fossem filhos, como vemos no trecho que segue:

- Onde estão os ovos? É a pergunta constante delas no momento do caixa. O que denuncia a predisposição maternal feminina. A maternidade, ainda que não se revele em filhos, está no sangue. Está consolidada na visão de mundo. Está espalhada nos seus costumes. Está dentro da generosidade do seu olhar. Está no formato de cesto de seus braços.

Durante toda a crônica, o escritor argumenta e compara a relação dos homens e das mulheres frente a uma caixinha de ovos, esta última sempre relacionada a filhos, bem como enfatiza a ideia de que a mulher, caso não seja mãe, tem esse legado inerente, como pode ser visto em Carpinejar (2016):

A maternidade, ainda que não se revele em filhos, está no sangue. Está consolidada na visão de mundo. Está espalhada nos seus costumes. Está dentro da generosidade do seu olhar. Está no formato de cesto de seus braços. A mulher desenvolve uma doçura inadiável diante de cenas de orfandade. Seu radar é incansável: seja com os ovos quebradiços, seja com uma criança sofrendo, seja com um cão maltratado, seja com uma injustiça a um idoso.

O cronista em questão finaliza sua crônica reforçando que a maternidade está intrínseca a toda a mulher, estando no DNA de cada uma. Da mesma forma, à medida que o escritor enaltece a capacidade da mulher de cuidar dos ovos da mesma forma que cuidaria de seus próprios filhos, este mesmo negligencia a capacidade dos homens de demonstrarem instintos paternos, estes não são cogitados, não aparecem nem nas entrelinhas da sua crônica.

Assim, em vista do que foi relatado acima, vários questionamentos podem ser feitos a partir desse pequeno trecho, a começar pela afirmação de que toda a mulher tem uma predisposição maternal. Analisando o lugar da maternidade na construção de gênero como algo datado historicamente, é perceptível a existência de discursos que, de maneira opressora, produziram a identificação das mulheres com a função materna de forma a definir “uma identidade feminina”, como forma possível de ser mulher, pois, como cita Fernandes (1993, p. 162):

La producción y reproducción de un universo de significaciones imaginarias constitutivas de lo femenino y lo masculino moderno que forman parte no sólo de los valores de la sociedad sino también de la subjetividad de hombres e mujeres.

A afirmação, então, corrobora para o reforço do mito que contribui à produção de subjetividade em mulheres e homens apoiada na existência do aparelho biológico e do instinto materno, reforçando a ideia de que as mulheres têm instintos natos para ter, cuidar e

amar os filhos. Se formos pensar no número de casos de mulheres que abandonam os seus filhos em lixões, assassinam o bebê logo após o seu nascimento, dão a criança para adoção ou simplesmente optam por não terem filhos, só para citar alguns exemplos, a afirmação contida no texto seria, no mínimo (bastante) equivocada. De maneira similar, reforçar a ideia de que homens não são tão afetuosos quanto as mulheres é reforçar ideias retrógradadas que já foram bastante questionadas e estão sendo combatidas.

Ao fazer uma analogia utilizando ovos para simbolizar filhos, a crônica reforça o modelo hegemônico patriarcal do homem heterossexual que é incapaz de transmitir cuidado e afeto aos seus descendentes, cabendo a genitora esse papel. A “crise masculina”, ou seja, a ruptura dos padrões comportamentais de um certo modelo dito como padrão é negligenciada, pois há um reforço do discurso tradicional (patriarcal) que afirma, indiretamente, que há uma predisposição corpórea para que homens e mulheres reajam ou não a situações que exijam cuidado e carinho e, ainda, que mulheres naturalmente são afetuosas porque todas têm instintos maternos.

Sendo assim, dever-se-á fazer uma ruptura entre sexo e gênero, levando em consideração, contudo, que não se deve colocá-los em uma relação dualista, pois nessa maneira, a sua estreita dependência torna-se invisível. Nessa perspectiva, deve-se lembrar que o físico, ou seja, o corpo, não é apenas dado. Ele deve, primordialmente, ser compreendido e interpretado por intermédio de processos sociais (PAECHTER, 2009). Dessa forma, algumas concepções do que é ser homem e do que é ser mulher em cada sociedade são mais dominantes do que outras e, por conseguinte, é necessário reafirmar a necessidade de desnaturalizar as prescrições e práticas sociais atribuídas, incorporadas e naturalizadas a homens e mulheres, consideradas marcações masculinas e femininas.

Tendo em vista as mudanças sociais ocorridas nos últimos anos, como, por exemplo, a redução do tamanho das famílias, as modificações das formas de casamento, a ascensão da mulher no mercado de trabalho, é possível perceber que há novas realidades presentes em nossa sociedade, como o pai divorciado, homossexual, migrante, adotivo, ausente, viúvo, assim como há, felizmente, um maior protagonismo no que diz respeito às mulheres e ao mercado de trabalho. Sob esse prisma, reafirmar (e com isso reforçar) concepções que são preconceituosas, pois rotulam o homem e a mulher de maneira categórica, é errôneo. Caracterizar a ordem social de acordo com o que se considera, num dado contexto social, a masculinidade e a feminilidade como partes dos atributos sexuais, naturais e que condicionam as capacidades das pessoas para realizar qualquer atividade ou ocupar qualquer posição social foi, durante séculos, naturalizada, subjugando, por um lado, a mulher à maternidade e ao amor à criança pequena e, por outro, sujeitando o homem a assumir o papel repressor e agressivo (PRIORE, 2013).

Contudo, é possível afirmar, em vista das análises oriundas da crônica, que a genialidade desta seja justamente oportunizar uma reflexão acerca dos valores antigos e dos atuais. É mister que os leitores atentem para o fato de quão absurdo são os rótulos comportamentais impostos (ainda) pela sociedade atual, pois, só dessa maneira, o reforço,

intencional ou não, de estereótipos que limitam os seres possam ser minimizados de maneira efetiva.

À guisa de conclusão: a importância dos estudos de masculinidades

O presente artigo buscou refletir sobre os estudos de masculinidades em suas mais variadas nuances, evidenciando a multiplicidade de conceitos sob algumas das várias óticas possíveis de serem analisadas. Procurei, ao longo das análises, não negligenciar as personagens femininas, posto que, à luz do trabalho de Medrado & Lira (2008, p. 825):

[...] considerar a masculinidade e os homens objetos *específicos* dos estudos da masculinidade acarreta consequências teóricas e políticas sérias. [...] Teoricamente, ao trabalhar a partir de uma divisão ingênua entre masculinidade e feminilidade, não incorpora as severas críticas das políticas de identidade, a complexificação do estudo de objetividade e a centralidade das reflexões sobre as relações de poder que configuram os objetos que se relacionam diretamente a sexo, a gênero ou a ambos.

De maneira similar, como é sabido, as bases teóricas dos estudos de masculinidades ainda estão em transição. Muito ainda é debatido e muitas conceituações estão sendo reformuladas, refutadas, incorporadas. Paralelamente, a crônica contemporânea de Fabrício Carpinejar permite aos leitores repensar o papel do homem e da mulher na atualidade, ainda que os estereótipos presentes ao longo da leitura não são refutados pelos leitores do blog e das redes sociais do escritor, por exemplo. Em uma pesquisa, ainda que informal a esses meios de comunicação virtual, não li nenhum comentário de leitores que divergissem da cena descrita na crônica analisada, o inverso a isso foi extremamente dominante tanto em sites quanto ao que diz respeito às redes sociais em que a crônica foi publicada. Para a minha surpresa, houve um reconhecimento de tais atitudes, expressas em comentários que ora elogiavam a perspicácia de Carpinejar em escrever sobre algo tão atual e verdadeiro ora exemplificavam o conteúdo da crônica com acontecimentos de cunho pessoal.

Em vista disso, acho pertinente ressaltar que é possível, sim, identificar-se com tais acontecimentos, afinal, há, felizmente, diversos conceitos de família (sem entrar no mérito do que afirma, erroneamente, o Estatuto da Família, que configura-se como um retrocesso no que concerne aos direitos dos homossexuais e de quaisquer famílias que não se enquadram no que é considerado “família tradicional”) e de homens e mulheres. Limitá-los a modelos que representem suas ações seria utilizar os mesmos artifícios que o patriarcalismo utilizou outrora. Contudo, é, para dizer o mínimo, perigoso transformar tais ações em representações gerais de ações ditas masculinas e femininas, visto que generalizar e solidificar as ações, separando-as em grupos distintos, exclui qualquer possibilidade de dar voz a representações que fujam da homogeneidade, daquilo que é tido como tradicional. Sob esse viés, é mister analisar, rejeitar e combater, quando necessário, discursos e posicionamentos totalitários. Assim, como lembra Costa (2002, p. 220):

Parece-me que as histórias têm sido contadas sob *uma* perspectiva masculina, por *uma parte* dos homens. Assim, os estudos sobre masculinidades poderiam ser vistos também como uma forma de mostrar outras perspectivas masculinas e de dar voz aos outros homens que, devido à sua raça, classe, orientação sexual, nunca puderam contar suas histórias.

Os estudos de masculinidades, porquanto, são importantes porque possibilitam que indivíduos anteriormente negligenciados e silenciados tenham voz, sendo, portanto, uma possibilidade real de desconstrução do machismo institucionalizado que se expressa cotidianamente em nossa sociedade, mascarados, por vezes, como tentativa de humor. Cabe ressaltar que reforçar modelos patriarcais faz com que vários outros sejam silenciados e até mesmo desacreditados por não fazerem parte do modelo hegemônico imposto. Propiciar uma “crise” masculina é necessária, pois ela faz com que conceitos engendrados, que englobam apenas uma parcela da população, sejam repensados e redefinidos, uma vez que, como defende Medrado & Lira (2008, p. 833):

[...] é preciso romper com modelos explicativos que, via de regra, reafirmam a diferença e que nos permitem somente explicar como ou por que as coisas são assim, mas que não apontam como ou por que as coisas assim são, mas que não apontam contradições, fissuras, rupturas, brechas, frestas... que nos permitam visualizar caminhos de transformação progressiva e efetiva. Apostamos na necessidade de abrirmos espaço para novas construções teóricas que resgatem o caráter plural, polissêmico e crítico das leituras &feministas.

O contexto brasileiro atual tem revivido conceitos advindos do patriarcado, reforçados, como é visível em nossa política, de princípios engessados, que ressurgem numa tentativa de destituir os direitos adquiridos. Dessa maneira, como forma de tentar enriquecer e contribuir para assegurar os direitos há muito conquistados, o presente artigo teve, por fim, como objetivo, contribuir para diversos pensamentos críticos acerca das diversas manifestações no que concerne às masculinidades hegemônicas. A escolha de análise de uma crônica oriunda de um cronista em constante ascensão teve como propósito alertar suscitar uma reflexão acerca do tipo de crônicas que estão vinculando, de modo cada vez mais frequente e entre um número cada vez maior de pessoas, tendo em vista a rapidez da internet e dos meios de comunicação, pois Carpinejar participa regularmente de programas de televisão e de rádio, onde lê crônicas inéditas. Dessa maneira, sabendo que o cronista é cada vez mais lido (e ouvido) e suas crônicas estão tendo cada vez mais visibilidade, propus uma análise sob um de seus inúmeros escritos literários, numa tentativa de tentar alcançar o público citado anteriormente e, desse modo, contribuir para um pensamento crítico acerca das questões abordadas ao longo das páginas.

Artigo recebido em 08/07/2016

Aprovado para publicação em 17/08/2016

Referências

ALMEIDA, H. B. D. et al. (Ed.). *Gênero em matizes*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

BADINTER, Elisabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e submissão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARPINEJAR, Fabrício. *Onde estão os ovos?* Disponível em: <<http://carpinejar.blogspot.com.br>> Acesso em: 15 jan. 2016.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: *Estudos feministas*. v. 21, 2013, p. 241-282.

COSTA, R. G. Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades. In:

COURTINE, J. J. Impossível Virilidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J; VIGARELLO, G. *História da virilidade*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 8-12.

FERNANDEZ, A.M. *La mujer de la ilusión: pactos y contratos entre hombres y mujeres*. Buenos Aires: Paidós, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HALBERSTAM, Judith. *Female Masculinities*. Durham: Duke University Press, 1998.

LEHNEN, Jeremy. Machos em crise? A masculinidade nos romances de Daniel Galera. In: BARBERENA, R; DALCASTAGNÈ, R. (Orgs.). *Do trauma à trama: o espaço urbano na literatura contemporânea*. Porto Alegre: Luminara Editorial, 2015, p. 273-300.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. In: *Estudos feministas*. v. 16., n. 3, 2008.

PAECHTER, Carrie. *Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminilidades*. Tradução: Rita Terezinha Schmidt. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PENTEADO, F. M.; GATTI, J. (Orgs.). *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Marcia (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

RAMOS, M. S. Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 43-59.

SIMON, L. C. *Duas ou três páginas despretentiosas: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas*. Londrina: EDUEL, 2011.

TREVISAN, J. S. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. In: CALDAS, Dario (Org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.